

**Sistema da
AHV-AVS**
Não à reforma 2020!
2
**Refugiados às
portas da Europa**
**Porque vêm
os refugiados?**
3
**Exposição de
fotografias em Zurique**
**Trabalho nos últimos
175 anos**
4
Nr. 6 | Novembro 2015 | português

Sai como suplemento do jornal «work» | Redacção T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch T +41 31 350 21 11, F +41 31 350 22 11 | info@unia.ch | www.unia.ch

Contrato Nacional de Trabalho para o sector da construção (CNT)

Lutar por um CNT melhor e a reforma aos 60 anos!


Os trabalhadores da construção não abdicam da reforma aos 60 anos!

Este ano muito está em causa para os trabalhadores da construção civil na Suíça: o Contrato Nacional de Trabalho para o sector da construção (CNT), o contrato colectivo do sector principal da construção, expira no final do ano. Sem CNT não há salários mínimos na construção civil, nem 13º mês garantido, nem compensações salariais decentes em caso de doença. Além disso, há diversos problemas que têm de ser resolvidos com um novo contrato. Os trabalhadores da construção estão dispostos a lutar por uma boa solução destes problemas, como mostram diversas acções. Em Novembro estão previstos vários dias de protesto.

Condições de trabalho difíceis e perigosas, pressão sobre os salários e ataques à idade da reforma não são só problemas da construção. Em quase todas as profissões se vê desenvolvimentos semelhantes.

Onde está a solução para o caso de mau tempo?

Um grande problema da construção é a protecção insuficiente dos trabalhadores em caso de mau tempo. A pressão dos prazos aumentou enormemente nos últimos anos. Os trabalhadores têm de continuar a trabalhar, em demasiados casos,

também se fizer mau tempo – em situações de perigo com muita chuva ou neve. Todos os anos, um em cinco trabalhadores da construção tem um acidente de trabalho. O Unia exige, por isso, que sejam finalmente introduzidas melhorias claras no novo CNT. Porque são os trabalhadores da construção quem paga com a sua saúde.

Acabar com o dumping salarial!

Outro problema é o dumping salarial. É urgente que haja medidas eficazes contra este problema. Porque o

dumping salarial é infelizmente uma realidade diária na obras na Suíça. Os trabalhadores da construção têm, em parte, de trabalhar por salários de miséria. Que na Suíça haja trabalhadores a trabalhar no duro por uns poucos francos é uma sacanice. E isto tem consequências sobre todos os salários da construção. Por isso são necessárias medidas fortes para dar cabo do jogo dos empreiteiros desonestos que recorrem a dumping salarial.

Não toquem na reforma aos 60 anos!

E, em terceiro lugar, a reforma aos 60 anos tem de ser defendida. Nos próximos anos, muitos trabalhadores da construção atingirão a idade de se aposentarem. Uma parte dos empreiteiros quer utilizar isto como desculpa para subir a idade da reforma. O parlamento da construção do Unia disse claramente: nem pensar! Os trabalhadores da construção vão lutar pela reforma aos 60 anos. Não é aceitável que os trabalhadores, que

descontaram durante anos para a reforma aos 60 anos, tenham de trabalhar mais tempo. É verdade que nos próximos anos muitos trabalhadores da construção se vão aposentar e que, por isso, a caixa do FAR (reforma antecipada) necessita de mais dinheiro. Mas existem soluções para isso, como o aumento, por um tempo limitado, dos descontos. Depois de alguns anos, o número de trabalhadores da construção que se vão reformar voltará a diminuir.

Acções: nós lutamos!

Os trabalhadores da construção estão prontos a lutar. E mostraram isto nas últimas semanas em diversas regiões da Suíça. Com pausas de almoço prolongadas e acções simbólicas, mostraram que estão dispostos a lutar por um CNT melhor. Simplesmente prolongar o actual CNT não é solução. Para que o CNT continue a ser um bom contrato colectivo de trabalho, tem de conter soluções para os problemas actuais.

Aurora García

Editorial



«Há 13 anos estive no túnel Baregg e fiz greve pela reforma aos 60 anos. Hoje voltarei a fazer o mesmo, se necessário.» Isto disse-me um contratante de 55 anos há pouco numa obra. A barraca, normalmente um sítio barulhento, ficou em silêncio. Todos sabiam do que estávamos a falar.

No fim do ano, o Contrato Nacional de Trabalho da construção (CNT) expira e tem de ser renegociado. Os trabalhadores da construção precisam de um novo CNT com mais protecção. Mas a Sociedade Suíça de Empresários da Construção recusa todas as soluções e procura o conflito. Não só isso: a SSEC ataca a reforma aos 60 anos, pela qual tanto lutámos. Um ataque à reforma aos 60 anos é um ataque à dignidade dos trabalhadores da construção. Em toda a Suíça, estes estão dispostos a lutar pelos seus direitos. Com esta luta estamos num momento muito importante para a nossa organização. Porque a luta dos trabalhadores da construção ultrapassa em muito só a construção – ela diz-nos respeito a todos nós. As conquistas conseguidas na construção pertencem às mais importantes do nosso movimento: salários mínimos, horários de trabalho, reforma aos 60 anos. É um bom CCT que indica o caminho para muitos outros contratos colectivos de trabalho: o que está regulamentado no CNT é, muitas vezes, adoptado mais tarde pelos outros ramos.

Por outro lado, a luta dos trabalhadores da construção tem um significado importante a um nível ainda mais básico. Porque ele mostra: se as pessoas unirem as suas forças, conseguem obter quase tudo. E por isso os empregadores querem fazer destas negociações um exemplo. Eles querem pôr em causa o princípio da solidariedade. Apoie os trabalhadores da construção e mostremos: juntos somos fortes e venceremos!

Chris Kelley

Secretário nacional do ramo da construção

Empreiteiros atacam reforma aos 60 anos de idade. Todos às jornadas de protesto em Novembro. Vale a pena lutar!



■ Não toquem na idade da reforma aos 60 anos!
■ Acabem com o dumping salarial!
■ Por mais protecção!

9 a 11 de Novembro: dias de acção

De 9 a 11 de Novembro, os trabalhadores da construção e as pessoas com eles solidárias vão realizar dias de protesto. A mensagem é clara: nós queremos um CNT melhor e não aceitamos ataques à reforma aos 60 anos! Do sucesso desta luta também dependem possíveis melhorias nos CCT de outros ramos. Por isso, solidarizem-se todos com os trabalhadores da construção!

Notícias breves

Mulheres do Unia: Não à reforma AVH-AVS à custa das mulheres!

As delegadas da comissão de mulheres do Unia, na sua reunião do dia 24 de Outubro, rejeitaram a proposta do Conselho de Estados para a reforma da AHV-AVS. As delegadas do Unia não querem que se continue a poupar à custa das mulheres. Elas recusaram a subida da idade da reforma das mulheres, bem como a descida da taxa de conversão LPP. O que é necessário é um claro reforço das pensões, como prevê a iniciativa AHV-AVSpus. E reiteraram, ainda, a sua exigência de uma aplicação rápida e eficaz da igualdade salarial.

Novo CCT de Stadler Rail – uma nova referência

O Unia e a empresa Stadler Rail assinaram um novo CCT, que entrará em vigor em 2016. O contrato passa a ter bons salários mínimos (de 4200 francos para trabalhadores auxiliares até 6200 francos para técnicos) e uma protecção contra o despedimento para trabalhadores mais velhos. Além disso, as medidas de crise devido ao franco forte serão suspensas. O actual prolongamento do horário de trabalho até 45 horas semanais foi revogado, a partir de 1 de Janeiro 2016 passa a vigorar o horário de trabalho normal de 40 horas.

Unia quer CCT para transportes e logística

Os sindicatos syndicom e Unia exigem um CCT a nível nacional para o ramo dos transportes e logística. São necessárias melhores medidas de protecção de saúde, salários mínimos justos e o regulamento dos horários de trabalho. O ramo de transportes e logística é um dos mais precários na Suíça. Longos dias de trabalho, poucas pausas de descanso, pressão de cumprir prazos, falta de medidas de segurança e dumping salarial em grande escala fazem parte do quotidiano no ramo.

Comissão de Economia do Conselho Nacional ao serviço das grandes lojas

A Comissão de Economia do Conselho Nacional apoiou a proposta para uma lei nacional relativa aos horários de abertura das lojas. Desta forma, os grandes estabelecimentos de vendas a retalho conseguiram fazer valer a sua vontade à custa dos vendedores, dos cantões e das pequenas lojas. A lei do horário de abertura das lojas quer impor a todos os cantões horários de abertura mínimos das 6h às 20h durante a semana e das 6h às 18h aos sábados. O Unia vai lutar para que o Conselho Nacional siga o Conselho de Estados e não a sua comissão de economia. Lutará também para que, na sessão de Inverno do Parlamento, a lei seja finalmente enterrada.

AHV/AVS, Reforma do regime de pensões

Pensões 2020: não aos agravamentos!



Manifestação pela AHV-AVSpus: uma reforma forte para todos!

O Conselho de Estados do Parlamento suíço deliberou, na sua sessão de Outono, sobre o pacote de reforma da AHV/AVS 2020. Conclusão: este projecto de lei não serve os interesses dos trabalhadores!

Na sessão parlamentar de Outono deste ano, que teve lugar em Setembro, o Conselho de Estados deliberou sobre o pacote de reforma do sistema de pensões para 2020. Ele seguiu a proposta da Comissão para a Segurança Social e Saúde.

O aumento que não é

Para melhorar a proposta do Conselho Federal, a Comissão para a Segurança Social e Saúde do Conselho de Estados tinha sugerido um aumento das pensões de reforma, o que foi aceite pelo Conselho de Estados. O aumento aprovado é de 70 francos mensais, 226 francos para casais. No entanto, só as novas pensões é que beneficiariam deste aumento. Quem já está aposentado, não recebe nada.

Deteriorações como contrapartida

De resto, o pacote só prevê deteriorações. A taxa de conversão LPP, actualmente de 6,8%, deve ser reduzida pa-

ra 6%. Isto significa uma redução de 12% na reforma da caixa de pensões para pessoas que só recebem o valor obrigatório da previdência profissional (BVG/LPP). Além disso, a idade de reforma das mulheres deve subir para 65 anos. Isto apesar de estas continuarem a estar em desvantagem, na reforma, em relação aos homens. Além disso, as mulheres não conseguem fazer tantas poupanças para a caixa de pensões porque têm salários mais baixos e trabalham muitas vezes a tempo parcial para poderem assumir tarefas familiares e domésticas. E, mais ainda, a desigualdade salarial é uma realidade na Suíça. Enquanto isto não mudar, nós não podemos aceitar uma subida de idade da reforma para as mulheres!

Necessitamos de AHV/AVS plus

Agora o pacote tem de ser discutido pelo Conselho Nacional, a outra câmara do Parlamento. As imperfeições do projecto de lei têm de ser corrigidas. Uma coisa é, no entanto, bastante clara: quem quiser garantir a longo prazo o regime de pensões de reforma e um aumento sustentável de todas as pensões de reforma, tem de apoiar a iniciativa popular AHV/AVSpus dos sindicatos, que será votada em 2016.

☞ Aurora García

Ramo de cuidados de saúde, aprendizes

Por bons cuidados de saúde!

No início de Setembro, o Unia tornou públicos os resultados do inquérito feito a formandos do ramo de cuidados de saúde. Os resultados surpreendem: quase metade dos aprendizes do ramo não vê quaisquer perspectivas futuras nestas profissões. Horas extraordinárias, salários baixos, realização de tarefas que não estão na sua competência, bem como falta de acompanhamento, são alguns dos problemas diários destes jovens.

De acordo com o inquérito do Unia, cerca de 45% dos inquiridos não se vê a exercer a sua profissão dentro de 10 anos. «Se quase metade dos profissionais do ramo de cuidados de saúde quer voltar a deixar a profissão, isso vai agravar consideravelmente a falta de pessoal especializado», afirma Lena Frank, secretária nacional pela juventude do Unia. Além disso, só uma minoria é da opinião que poderá exercer a sua profissão da forma como a aprendeu e que acha adequada. Os principais motivos para isso são, segundo os inquiridos, falta de pessoal (24%), falta de tempo (13%) ou uma combinação das duas (12%).



tarefas que nada têm a ver com a sua área de competências, o que pode ser perigoso tanto para formandos como para os pacientes. Finalmente, 23% afirmam que não são suficientemente acompanhados e apoiados durante a formação prática.

Mais pessoal – para bons cuidados de saúde!

Por tudo isto, o sindicato Unia exige mudanças radicais nos cuidados de saúde: no centro têm de estar as pessoas, não os rendimentos, medidas de poupança e números. Só isso garante bons cuidados de saúde e um número suficiente de jovens que quer seguir as profissões do ramo. São necessários meios financeiros suficientes para mais pessoal, mais tempo para que haja bons cuidados pessoais e melhor acompanhamento. Além disso, também são necessários salários mais altos, complementos salariais adequados, regulamentos de horários de trabalho justos, bem como um bom controle da observação dos direitos de aprendizes e do direito laboral.

☞ Aurora García

«Progresso» – a formação da gastronomia

Mais salário graças a um curso de cinco semanas

Quem trabalha como empregado de mesa ou numa cozinha sem ter formação profissional pode qualificar-se na mesma. Vale a pena.

Nas cozinhas dos restaurantes, no serviço à mesa ou em hotéis trabalham mais pessoas sem formação profissional do que noutras profissões. Muitas vezes por salários baixos e sem possibilidade de subir na carreira. Por isso, há mais de 10 anos que a formação de trabalhadores da gastronomia é uma prioridade dos parceiros sociais do ramo. No contrato colectivo nacional para a hotelaria-restauração (CCNT), estes puseram-se de acordo em apoiar formação de base «Progresso».

Aproveitar as oportunidades

A formação «Progresso» existe para diferentes ramos: cozinha, serviço, economia doméstica e restaurantes tipo take-away ou de estações de serviço. Este curso básico dura cinco semanas divididas em três blocos. Condições para a participação num curso «Progresso»:



Melhor situação profissional na hotelaria-restauração graças a «Progresso!»

- Trabalha actualmente no serviço, na cozinha ou na economia doméstica,
 - Ainda não tem formação profissional no ramo,
 - Consegue comunicar em alemão, francês ou italiano,
 - Sabe ler e escrever.
- Se o/a senhor/a e sua empresa estão sujeitos ao CCNT da hotelaria-restauração, deverá ser-lhe paga uma

grande parte da formação, incluindo materiais do curso, alimentação e, dormida no local do curso, se necessário. Além disso, recebe no máximo 500 francos por semana de curso como compensação pela perda de salário.

Caminho para cima

«Progresso» compensa: o salário mínimo para empregados com este

certificado é 200 francos superior aos dos que não têm qualificação profissional. E mais tarde pode fazer outras formações até chegar ao certificado federal de aptidão profissional. «Progresso» é reconhecido pelo ramo em toda a Suíça.

Se tiver perguntas, dirija-se ao seu secretariado Unia. Encontra informações, datas e formulários de inscrição em: www.mein-progresso.ch.

☞ Sina Bühler, work

Continuam as negociações para o CCT

Os parceiros sociais (Unia, Hotel & Gastro Union, Syna, Gastrosuisse, Hotelleriesuisse e Swiss Catering Association) negociam actualmente o novo CCT da hotelaria-restauração. Mas já é claro que o programa de «Progresso» é aceite por todos. Informações sobre o CCNT ainda em vigor: www.l-gav.ch.

Drama dos refugiados na Europa

Porque chegam justamente agora tantos refugiados?

... e outras perguntas e respostas sobre a questão dos refugiados.

1. Porque chegam justamente agora tantos refugiados à Europa?

Em todo o mundo há cerca de 60 milhões de pessoas em fuga. Metade delas são crianças. Todos os dias 42'500 pessoas têm de deixar a sua terra. É o maior número de deslocados desde a Segunda Guerra Mundial. Os motivos mais importantes são guerras, perseguições e estados que não funcionam. O maior número de pessoas foge actualmente da guerra civil na Síria. Mas também outros países em crise, como o Afeganistão ou o Iraque, dão origem a ondas de refugiados.

2. Porque não ajudamos os refugiados na sua terra?

A ajuda na terra de origem já se realiza. Há anos que milhões de refugiados vivem em campos de tendas nas regiões em crise. Na Somália, por ex., o país vizinho da Eritreia, encontram-se 1,1 milhões de refugiados eritreus. Mas é quase impossível levar a ajuda até regiões em guerra como a Síria ou a estados que não funcionam, como o Iraque.

Além disso, os programas de apoio a refugiados sofrem de uma eterna falta de financiamento. O programa de apoio para 2015 das Nações



Solidariedade com os refugiados – por um mundo mais humano!

Unidas só foi financiado em 41%. Isto reflecte-se dramaticamente em cortes nos alimentos e da assistência médica.

A quebra na ajuda humanitária é um dos principais motivos para a falta de esperança dos refugiados e a sua decisão de vir para a Europa.

3. Porque é que os refugiados não trabalham na Suíça?

Nos primeiros três meses, eles estão proibidos de trabalhar. Depois podem trabalhar, mas, para isso, o empregador tem de fazer um requerimento. Muitos não o sabem. Metade dos refugiados tem experiência profissional e gostaria de ganhar alguma coisa. A antiga conselheira federal, Ruth Dreifuss, exige uma redução dos

obstáculos que existem no mercado de trabalho para os refugiados. Para ela, «trabalhar significa dignidade e independência.»

4. Em que medida é que eles sobrecarregam a nossa segurança social?

A AHV/AVS e o seguro de desemprego não são atingidos pela onda de refugiados. Porque no início estes não têm direito a prestações destes seguros. Eles só passam a ter este direito quando começam a trabalhar e a descontar na Suíça. Importante: os trabalhadores de origem migrante na Suíça pagam mais para a segurança social do que aquilo que recebem.

⇒ Ralph Hug, work

Eleições legislativas na Suíça 2015

Ganhou o medo



Os eleitores suíços elegeram a 18 de Outubro o seu novo Parlamento. A UDC é a grande vencedora destas eleições, mas também o PLR (liberais) conseguiu ganhar mais força. O PS manteve o mesmo número de deputados, mas Os Verdes, pelo contrário, perderam muitos votos. No seu conjunto, estamos claramente perante uma forte viragem à direita. Uma perspectiva negra para uma política social e migratória.

As previsões já apontavam para um aumento dos votos na UDC, o que foi plenamente confirmado. A UDC ganhou quase mais 3% dos votos e também o PLR, que na política de migração está cada vez mais à direita, ganhou votos. Todos os outros partidos, com excepção do PS, perderam nas eleições legislativas de 2015. O PS conseguiu manter-se graças a uma boa mobilização dos seus eleitores.

E agora?

Já se sabe quem são os novos conselheiros nacionais. No caso dos partidos de esquerda, há alguns que não foram reeleitos. Entre os reeleitos encontra-se Corrado Pardini, membro do Comité Director do Unia. Para o Conselho de Estados, há muitos lugares que ainda não foram preenchidos. Para os preencher será realizada uma segunda volta. É o caso de Paul Rechsteiner, Presidente da União de Sindicatos Suíços (USS), candidato ao Conselho de Estados pelo cantão de St. Gallen, que não conseguiu ser eleito à primeira volta. A segunda volta terá lugar em meados de Novembro.

Outro conselheiro federal da UDC?

No dia 9 de Dezembro, o Parlamento suíço escolhe um novo Conselho Federal. Aqui coloca-se a questão se a UDC ganha um novo conselheiro federal ou não. Segundo a chamada fórmula mágica, os três partidos mais fortes têm direito a dois conselheiros federais cada. Esta fórmula mágica existe há mais de 50 anos e pretende manter o equilíbrio entre os partidos em Berna. Por isso, a UDC vai exigir um segundo conselheiro ou uma segunda conselheira.

As perspectivas são que a política na Suíça se vá tornar cada vez mais anti-social.

⇒ Aurora García

Entrevista



Hamid (à esquerda) e Hiyam Khalid, curdos sírios refugiados na Suíça.

«Tínhamos uma vida boa, mas tivemos de fugir.»

Nos últimos tempos, não têm parado as notícias sobre a onda de refugiados que chega às portas da Europa. Muitos ficam pelo caminho, como o pequeno Aylan, a criança de 5 anos que morreu afogada no Mediterrâneo e cuja fotografia passou nos meios de comunicação de todo o mundo. Outros são impedidos por muros, polícias, má vontade, de alcançar o seu destino, muitas vezes a Alemanha. O Horizonte falou com a família Khalid, curdos da Síria. Hamid Khalid, 53 anos, trabalhador da construção, a mulher, Hiyam Khalid, 51 anos, dona de casa, e os três filhos de 17, 24 e 27 vivem desde Dezembro de 2013 na Suíça.

Porque é que fugiram para o estrangeiro?

Hamid Khalid: Nós vivemos 35 anos em Damasco, uma cidade calma, onde antes da guerra cristãos, muçulmanos, curdos, árabes viviam sem problemas uns aos lado dos outros.

A nossa vida era boa. Eu trabalhava na construção, ganhava bem, nós tínhamos um apartamento na cidade. Mas depois começaram os primeiros combates entre o regime de Assad e o Exército Livre da Síria. Os militares do regime começaram a terrorizar as pessoas que viviam perto do lugar dos conflitos. Revistaram os nossos apartamentos e destruíram tudo lá dentro. Nós tivemos medo pela vida dos nossos filhos. Por isso, eles e a minha mulher foram para Afrin (uma região da Síria maioritariamente habitada por curdos). Eu fiquei em Damasco. Mas um dia houve grandes combates entre as tropas de Assad e o Exército Livre da Síria. Depois, cerca de 5000 soldados de Assad destruíram todas as casas da zona e prenderam centenas de pessoas acusando-as de apoiarem o Exército Livre da Síria. Quando vi que tinham saqueado o meu apartamento, fechei a porta e fui, escondido dentro de um carro, para Afrin ter com a minha família. Mas também lá a situação não estava segura, por isso decidimos partir para o estrangeiro.

A senhora teve de deixar o seu marido em Damasco e de ir com os filhos para Afrin. O que é que isso significou para si?

Hamid Khalid: A vida era muito difícil. Eu estava com os meus filhos, isso era bom. Conseguimos salvar a vida dos nossos filhos. Mas eu pensava constantemente no meu marido e tinha medo por ele. Ele estava num sítio difícil. Felizmente que tínhamos um apartamento em Afrin, a nossa família também estava lá.

Porque vieram para a Suíça?

Hamid Khalid: Primeiro fomos para a Turquia, para Ancara. Depois para a Suíça, porque os familiares que temos na Suíça nos convidaram. E o governo suíço deu-nos um visto.

Qual é a diferença entre a sua vida em Damasco e na Suíça?

Hamid Khalid: Na Suíça sentimo-nos seguros, não há guerra, as nossas vidas não estão em perigo. Estamos muito agradecidos à Suíça pelo apoio. Mas também temos dificuldades. Em Damasco tínhamos mais dinheiro do que na Suíça. Eu ganhava 6000 dólares ao mês, tinha um apartamento em Damasco e outro em Afrin. A vida era muito barata, havia muito trabalho. Mas aqui não posso trabalhar, eu só recebo 380.– francos e tenho de viver com este dinheiro.

O dia-a-dia na Suíça também não é fácil. Há muitas regras e há poucas pessoas com quem podemos falar. A nossa família quer aprender a língua e frequentamos, por isso, um curso de alemão. Nós somos curdos, em Damasco já tivemos de aprender árabe.

O meu sonho é que a guerra na Síria termine e Rojava seja reconhecida como região curda. E que nós então possamos voltar para a nossa terra.

⇒ Emine Sariasslan

Registo do tempo de trabalho

Separar claramente trabalho e tempos livres



Disponibilidade 24h por dia? Não! Por isso é importante registar as horas de trabalho e respeitar o descanso.

Ao trabalho assalariado corresponde um determinado horário laboral. Novas formas de trabalho e os meios de comunicação modernos ameaçam esconder esta realidade. Porque há cada vez mais pessoas com horários de trabalho flexíveis, o registo das horas de trabalho é cada vez mais importante.

Modelos flexíveis de trabalho enganam

De acordo com um estudo representativo da Escola Superior de Educação do Nordeste da Suíça encomendado pela Secretaria de Estado da Economia (Seco), 61% dos trabalhadores já tinham em 2010 um horário de trabalho flexível. No caso de 17% destes trabalhadores, o seu tempo de trabalho não é registado e documentado. O inquérito também mostra que os trabalhadores com um horário de trabalho flexível que não registam o tempo de trabalho trabalham mais do que foi estabelecido por contrato. Acabam por trabalhar nos tempos livres ou mesmo se estiverem doentes.

O registo do tempo de trabalho protege os trabalhadores

A lei laboral distingue claramente entre tempo de trabalho e tempos livres e o empregador é obrigado a registar o tempo de trabalho de todos os empregados. Porque isto é importante para a saúde dos trabalhadores, impede que estes prestem trabalho grátis e permite, se for o caso, que se exija o pagamento de horas extras.

Regras maleáveis

Alguns parlamentares apresentaram moções para acabar com o registo das horas de trabalho em vários ramos. Os sindicatos opuseram-se e chegaram a um compromisso com os parceiros sociais. Este flexibiliza a obrigatoriedade do registo de horas para algumas categorias profissionais. Mas estabelece regras claras e liga-as a contratos colectivos de trabalho. Além disso, exige medidas especiais para protecção da saúde dos trabalhadores e para que os tempos de descanso sejam respeitados.

O que muda?

A obrigatoriedade de registar as horas de trabalho pode ser flexibilizada se:

- o salário anual bruto do/a trabalhador/a (incluindo bónus) for superior a 120 000 francos;
- os trabalhadores tiverem uma grande autonomia de tempo e decisões e puderem planificar o seu horário de trabalho;
- os trabalhadores tiverem concordado por escrito;
- a libertação do registo de tempo fizer parte do CCT.

⇒ Marília Mendes

service-temps-travail.ch
0848 240 240
 Une prestation du syndicat Unia

Para aconselhar os trabalhadores e as comissões de trabalhadores, bem como para evitar abusos, o Unia lançou a hotline «Serviço Tempo de Trabalho». Encontra mais informações na seguinte página de internet: www.service-arbeitszeit.ch/.

Exposição

150 anos de trabalho

O Museu Nacional de Zurique (Landesmuseum Zürich) mostra uma exposição de fotografias dedicada ao tema do trabalho na Suíça. Os sócios do Unia pagam metade do preço da entrada na exposição «Arbeit. Fotografien 1860 – 2015» («Trabalho. Fotografias 1860 – 2015»). Vale a pena visitar esta exposição!

Nesta exposição, o Museu Nacional de Zurique/Museu Nacional Suíço em Zurique mostra agora ao público fotografias da sua vasta colecção sobre o tema do trabalho. A exposição está aberta até ao dia 3 de Janeiro de 2016. Os sócios do Unia devem levar o seu cartão para terem direito ao desconto de 50% na entrada.

Muitas histórias

A exposição está dividida em três grupos temáticos: «Profissões desaparecidas», «Trabalho em períodos de guerra» e «Mulheres no processo de trabalho». Aqui encontram-se fotografias, por exemplo, de Caroline Ott, que terá sido a primeira mulher a trabalhar como pedreira na Suíça. Ou vêem-se fotografias dos traba-

lhadores de caminhos-de-ferro, que no final do século XIX fizeram greve por aumento salarial e com a sua luta abriram o caminho para que os caminhos-de-ferro, na altura privados, fossem nacionalizados, dando depois origem à SBB CFF FFS. Um passeio até Zurique vale, por isso, a pena. Quem não puder ir, mas quiser ver as fotografias na mesma: para acompanhar a exposição, o Museu Nacional publicou um livro, que está à venda em alemão e em francês. Para mais informações, consulte: www.nationalmuseum.ch/d/microsites/2015/Zuerich/Arbeit.php.

⇒ Montaña Martín

Landesmuseum Zürich. SCHWEIZERISCHES NATIONALMUSEUM. MUSÉE NATIONAL SUISSE. MUSEO NAZIONALE SVIZZERO. MUSEUM NAZIUNAL SVIZZER.

ARBEIT

FOTOGRAFIE 1860 – 2015 | 11.09.2015 – 03.01.2016

50% de desconto para os sócios do Unia (com o cartão de sócio)

www.arbeit.landmuseum.ch



Pergunte, que nós respondemos

Indicação de emprego: Tenho de aceitar?

Trabalhei como empregada de escritório numa agência de seguros, agora estou desempregada há três meses. O meu conselheiro pessoal do RAV-ORP-URC indicou-me agora um emprego a prazo como mulher de limpeza. Eu preferia não ter de fazer este trabalho. Mas o conselheiro do fundo de desemprego diz que eu tenho de o aceitar porque só tenho 24 anos. Só a partir dos 30 anos é que posso exigir um emprego ligado à minha profissão. Como empregada de limpeza ganho menos do que os subsídios diários que recebo do fundo de desemprego. Isso não pode ser, pois não?

Sim, pode. A revisão de 2011 da lei do seguro de desemprego introduziu critérios mais rígidos para os desempregados menores de 30 anos a receber subsídio diário de desemprego. Importante é que: 1. o salário seja correcto para o trabalho, 2. não se trate de trabalho por chamada e 3. a senhora não tenha mais de 2 horas de deslocação até ao local de trabalho. Se estas condições se realizarem, a senhora terá de aceitar esse emprego, mesmo que ele não corresponda à sua formação e às suas capacidades. Não acontece com muita frequência, mas o RAV-ORP-URC tem o direito de lhe indicar um emprego assim.

E mesmo que o salário como empregada de limpeza seja inferior ao subsídio diário de desemprego, no final a senhora terá mais dinheiro à disposição do que agora. Porque o fundo de desemprego vai contar o salário do emprego na limpeza como rendimento intermédio e a senhora receberá complementamente os chamados pagamentos de compensação. Juntos, o salário do rendimento intermédio mais estes pagamentos do seguro de desemprego são mais elevados do que o dinheiro do fundo de desemprego apenas.

Michael Schweitzer, work, 3.9.2015

Dia de 10 horas: Os jovens podem trabalhar tanto tempo?

Tenho 17 anos e estou a fazer uma aprendizagem como vendedora numa loja de roupas. Gosto do trabalho e tanto a chefe como as colegas são simpáticas. Mas: a quinta-feira é dia de a loja ficar aberta até mais tarde, até às 21 horas. Nesses dias trabalho 10 horas, de manhã das 8 às 12h e à tarde das 15 às 21h. Isso é muito cansativo. Além disso, eu vivo longe do trabalho e tenho más ligações de transportes. Por isso, embora tenha uma pausa de almoço de três horas, não posso ir a casa. Um tal dia de trabalho é legalmente permitido?

Não. Porque para trabalhadores jovens (isto é, todas as pessoas até aos 18 anos de idade) vigoram normas de protecção específicas: o horário de trabalho diário não pode ser superior a nove horas (artigo 31 da lei de trabalho). Este tempo máximo de trabalho é válido em todos os casos sem excepções, mesmo quando há trabalhos urgentes a serem realizados ou quando surge muito trabalho inesperadamente.

A loja onde faz a aprendizagem também viola a lei num segundo ponto: para jovens, o horário de trabalho tem de estar dentro dum período de doze horas. Se à quinta-feira começa a trabalhar às 8h, o seu dia de trabalho tem de terminar o mais tardar às 20h e não às 21h. Deve falar sem falta com a sua chefe, para que ela adapte o seu horário de trabalho imediatamente às normas legais, também nos dias em que a loja está aberta até mais tarde.

Peter Schmid, work, 1.10.2015

Impressum: Beilage zu den Gewerkschaftszeitungen work, area, Événement syndical | Herausgeber work, Gewerkschaft Unia, Chefredaktion: Marie-José Kuhn; Événement syndical SA, Lausanne, Chefredaktion: Sylviane Herranz; Edizioni Sociali SA, Lugano, Chefredaktion: Claudio Carrer | Redaktionskommission A. García, A. Rogalewski, D. Filipovic, E. Sarlaslan, M. Martín, M. Mendes, O. Osmani | Sprachverantwortlich Marília Mendes | Layout C. Lonati, Unia | Druck NZZ Print, Zürcherstrasse 39, 8952 Schlieren | Adresse Unia Redaktion «Horizonte», Weltpoststrasse 20, 3000 Bern 15, marilia.mendes@unia.ch

